

Mínimo social

Educação

• O programa de Renda Mínima de Campinas, pelos efeitos que produziu, está sendo olhado cada vez com mais interesse. Hoje existem 12 cidades implantando o programa, e em 60 outras, a câmara de vereadores está analisando essa possibilidade. Campinas é governada pelo PSDB, mas isso não diminuiu o entusiasmo do senador Eduardo Suplicy, do PT, pela aplicação, na prática, de uma idéia que se tornou uma de suas obsessões.

— Essa não é uma idéia minha — diz o senador. — É uma idéia da humanidade.

Para provar que não é uma frase de político, ele abre o armário, onde guarda extensa bibliografia sobre o tema, saca um dos livros e mostra: a primeira tentativa de um programa de renda mínima foi implantada numa cidade italiana no século XVI.

Os Estados Unidos têm um programa de Imposto de Renda negativo. É mais liberal. O cheque é entregue e se acaba aí o papel do Estado. Campinas tem um programa mais intervencionista. Primeiro, as exigências para a manutenção da família no Programa de Garantia de Renda Mínima são matrícula e frequência das crianças na escola e vacinação das crianças menores. Segundo, os assistidos foram divididos em blocos de 15 grupos de 15 famílias. Cada bloco desses é responsabilidade de uma dupla de psicólogo e assistente social. Cada dupla se reúne todo mês com os 15 grupos. Um por dia. Eu participei de uma dessas reuniões. Lá se discute tudo: o que está sendo feito com o dinheiro, os problemas que as famílias têm enfrentado, as dificuldades com os filhos adolescentes. Isso permite aos psicólogos e assistentes sociais participarem da solução de outros problemas da família. Uma das famílias assistidas tinha um filho autista internado numa instituição para retardados mentais. Descoberto o erro, a Prefeitura encaminhou a criança para a instituição certa.

Atualmente, a Prefeitura atende com o programa a 2.700 famílias, 12 mil pessoas. O resultado mais surpreendente é que uma parte expressiva dos atendidos pelo programa tem usado o dinheiro para gerar mais renda. Na reunião a que eu fui, uma mulher contou que comprara um freezer e uma geladeira e estava fazendo sorvete e vendendo na vizi-

nhança. Outra usava o dinheiro para comprar material para fazer salgadinho.

— Consigo guardar R\$ 20 reais em cada R\$ 50 que gasto — disse ela, reclamando em seguida da alta do trigo e do frango. Ela está pensando se juntar com umas amigas e montar um pequeno bar. Resgatados da miséria, os assistidos pelo programa passaram a fazer planos, ter novas esperanças.

O Núcleo de Políticas Públicas da Unicamp tem acompanhado o programa desde o início. Numa primeira contabilização dos resultados, em 1.262 famílias, 484 declararam que melhoraram as condições de trabalho após o início do programa. Deles, 73,3% passaram a trabalhar por conta própria, 2,3% conseguiram emprego. O resto está procurando emprego, está em curso profissionalizante ou está de alguma forma gerando renda extra a partir da renda mínima.

A estatística do uso do dinheiro dá bem uma radiografia das necessidades: a compra de alimentos ganha disparado na lista, mas 49,8% das famílias estão usando o dinheiro também para melhorar as condições de moradia. Ou seja, o dinheiro vai para sanar um velho problema brasileiro, que é o déficit habitacional. As casas que visitei em Campinas estavam todas em construção ou ampliação.

Dos pais que tinham crianças de 7 a 14 anos na rua, 98,9% trouxeram as crianças de volta ao lar, 1,1% ainda não conseguiram porque são casos mais graves, em geral já envolvendo drogas. A Prefeitura vai começar um programa especial para essas crianças.

Campinas está gastando com o programa 1% do orçamento do município e do total apenas 20% é consumido com os custos burocráticos e operacionais, um índice dos mais baixos, em se tratando de programas sociais.